

Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_07/2017

Homilia por ocasião do aniversário
dos 140 anos dos Bombeiros de Guimarães

Guimarães, Tournal, 19.mar.2017, 10h00

Bombeiros da paz

Queremos celebrar 140 anos de existência e de serviço dos Bombeiros Voluntários de Guimarães à sociedade. Olhamos para o passado, pleno de gestos anónimos de entrega à causa do bem comum, e agradecemos a Deus por todos quantos permitiram esta história repleta de acontecimentos que enobrecem quem os vivenciou. Damos graças, sufragamos e reconhecemos a necessidade de uma sensibilização mais consciente por tudo o que podemos associar à causa dos bombeiros.

Neles encontramos pessoas que disponibilizam as suas vidas e o seu tempo para proteger bens e acompanhar pessoas. Uma causa que disponibiliza homens e mulheres para a ousadia de pagar com a vida, se assim for necessário, a nobreza deste ideal. Vivem e associam-se para que a vida seja protegida em todos os momentos e circunstâncias.

Uma feliz e interpelante coincidência assinala esta celebração. Na primeira leitura, Moisés, com a sua vara, faz com que do rochedo saia água retemperante para todo o povo peregrino. No Evangelho, Jesus senta-se à beira do poço, situado em Sicar, e pede água à Samaritana. Este gesto permite à Samaritana ir para além do que vê – a água no poço – e saciar-se com o dom de Deus que dá um novo sentido à sua vida.

Não gostaria de limitar a acção dos Bombeiros à arte de lidar com a água na resposta ao terrível flagelo dos incêndios. Ainda assim, sabendo que se trata de um elemento importante para a vida das corporações, gostaria, em nome de todos, de levantar a voz contra esta dramática situação que tem vindo a incomodar o nosso país nos últimos anos. Infelizmente algumas pessoas consideram este flagelo uma circunstância inevitável e incontornável. Existe, inclusive, a chamada época de incêndios, como se ela fosse algo previsível e expectável. O problema desta mentalidade é que parece tanto legitimar este período de horror como desvalorizar estratégias preventivas. A preocupação pelos incêndios não deveria limitar-se a alguns meses ao ano. Impõem-se políticas adequadas que atenuem ou acabem com este cenário desolador. Um cenário que impressiona naqueles momentos mas que, passada a tensão, tudo volta à mesma rotina.

Com perplexidade olhamos para este fenómeno que se vai tornando persistente. No meio de tudo isto estão as vidas dos soldados da paz que correm sérios risco, assim como os tremendos prejuízos para o erário português. Não podemos desvalorizar a intenção que muitos têm de destruir, sem razão aparente, o bem dos outros. São comportamentos criminosos e, por isso, devem ser punidos após uma escrupulosa inquirição. Acontece que falamos deste fenómeno numa determinada época e



permitimos que seja esquecido para voltarmos ao assunto quando o problema se manifesta. Sabemos, com honestidade, que também acontecem casos inevitáveis pela força das causas naturais. Mas importaria uma reflexão serena que delineasse um plano a logo prazo, capaz de criar hábitos e responsabilidades que conduzam ao fim desta dramática situação.

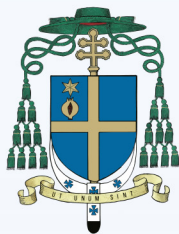
A Igreja não foge à sua responsabilidade de informar e formar para a consciência de que a natureza é um Dom de Deus, de valor incalculável, e que todos a devem preservar e cuidar. O papa Francisco recorda-nos, de modo sublime, que o ser humano não é dono da natureza. Ela foi criada por Deus e confiada ao Homem para bem de todos os seres, humanos ou animais. O Homem é, por conseguinte, um guardião e fiel depositário. “Não podemos defender uma espiritualidade que esqueça Deus todo-poderoso e criador. Neste caso, acabaríamos por adorar poderes do mundo, ou colocar-nos-íamos no lugar do Senhor chegando à pretensão de espezinhar sem limites a realidade criada por Ele. A melhor maneira de colocar o ser humano no seu lugar e acabar com a sua pretensão de ser dominador absoluto da terra, é voltar a propor a figura de um pai criador e único dono do mundo; caso contrário, o ser humano tenderá sempre a querer impor à realidade às suas próprias leis e interesses” (L.S 75).

Como são plenas de sabedoria estas palavras do Papa. Podemos não ser crentes mas há princípios que valem para todos. Aceitar um Deus que oferece aos seres humanos a maravilha da criação, pode ser um princípio que impede que alguns, por razões incompreensíveis, sejam capazes de impor a sua vontade criminosa de destruir a natureza em benefício próprio. Importa promover uma mentalidade de responsabilidade: a natureza deve ser cuidada e respeitada acima de tudo. Não há interesses que justifiquem determinados comportamentos. Temos de insistir numa mudança de hábitos sociais que seja capaz de alterar o actual cenário. Se esta mentalização não foi inculcada, corremos o risco de chegar tarde demais, destruindo o nosso património florestal.

Reflectindo sobre esta situação enigmática da sociedade portuguesa, que curiosamente não acontece noutros países, a não ser em circunstâncias particulares, não podemos deixar de testemunhar gratidão aos Bombeiros por aquilo que fazem e significam. Somo-lhes gratos e identificamo-nos com as suas dificuldades. Tanto o Estado como as empresas, instituições e cidadãos devem comprometer-se, cada vez mais, em dotar as corporações com os instrumentos necessários para prosseguirem a sua missão. Ajudar os bombeiros é também zelar pela sua própria salvaguarda da vida e protecção. Merecem maior reconhecimento por parte das populações e das entidades governativas. Quase todos são voluntários e basta-lhes a oferta do tempo.

Problema que começa a ser preocupante é também o número dos efectivos. Na verdade, e isto não pode ser ignorado, o espírito de voluntariado não diminuiu por parte dos portugueses. Mas o estilo de vida típico de uma sociedade da mobilidade não permite que as fileiras dos Bombeiros tenham efectivos suficientes. A Igreja Católica repete aos seus cristãos que o voluntariado é um modo muito concreto de viver a fé e que a vida não nos foi dada para ser vivida egoisticamente.

Não seria oportuno celebrar este aniversário com a admissão de mais voluntários que se disponibilizassem para concretizar os objectivos da Corporação, assim como a rejuvenescer? Sei que a emigração e a deslocalização do posto de trabalho dificultam a adesão. Pessoalmente, não posso deixar de dizer uma palavra para que alguns ultrapassem o comodismo e se comprometam com esta



causa.

O Evangelho de hoje falava-nos do dom de Deus. Os Bombeiros são um verdadeiro dom para a sociedade. Como tal, devem ser acolhidos e reconhecidos. A espírito de altruísmo deve continuar neste horizonte de ver a natureza como um dom a preservar, assim como na solicitude às diversas circunstâncias que a vida apresenta. As pessoas necessitam desta retaguarda nos momentos de doença e de especial perigo, seja da vida ou de bens pessoais.

Parabéns aos Bombeiros Voluntários de Guimarães! Obrigado pelo trabalho social que realizaram durante estes 140 anos. Aproveitemos esta circunstância para trazer à arena das discussões um sério estudo sobre a causa dos incêndios. Não é admissível uma época dos incêndios! Chega de adiar soluções, mesmo que isso signifique combater interesses instalados. Estão em risco vidas e bens. Trabalhemos para que as corporações possam usufruir de meios e de pessoas para prosseguirem a sua gesta de verdadeiros benfeitores da Humanidade.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*